

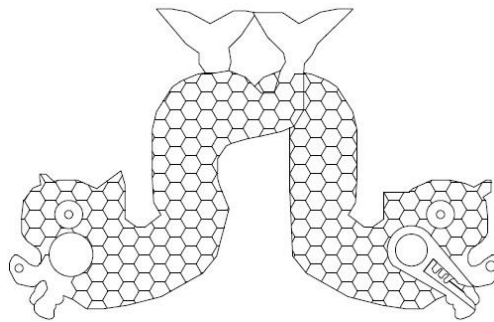
INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

Campus Ouro Preto

Tecnologia em Conservação e Restauro

Caroline J. Jesus

**LAVABOS E CHAFARIZES COM DELFINS E PEIXES  
CRUZADOS NO MUNDO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE  
ESTILÍSTICA, ICONOGRÁFICA E TÉCNICA**



Ouro Preto

2016

Caroline J. Jesus

LAVABOS E CHAFARIZES COM DELFINS E PEIXES  
CRUZADOS NO MUNDO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE  
ESTILÍSTICA, ICONOGRÁFICA E TÉCNICA

Monografia apresentada à Diretoria de Pesquisa e Graduação do Instituto Federal Minas Gerais - Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro de Bens Imóveis.

Orientador: Prof. Dr Alex Fernandes Bohrer

Ouro Preto

2016.

---

Jesus, Caroline J.

J58l Lavabos e chafarizes com delfins e peixes cruzados no mundo português: uma análise estilística, iconográfica e técnica. [Manuscrito]. / Caroline J. Jesus. Ouro Preto – MG – 2016.

58 f. il.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Conservação e Restauro) – Instituto Federal Minas Gerais, Campus Ouro Preto.

1. Lavabo. – Monografia. 2. Chafariz. – Monografia. 3. Iconografia. – Monografia. 4. Peixes.- Monografia. 5. Restauração.- Monografia. I. Bohrer, Alex Fernandes . II. Instituto Federal Minas Gerais - Campus Ouro Preto. Tecnologia em Gestão da Qualidade. III. Título.

CDU 725.948

---

Catálogo: Biblioteca Tarquínio J. B. de Oliveira - IFMG – Campus Ouro Preto

Caroline J. Jesus

Lavabos e Chafarizes com Delfins e Peixes Cruzados no mundo  
português: Uma Análise Estilística, Iconográfica e Técnica

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa e Graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro de Bens Imóveis.

Aprovada em 13 de Outubro de 2016 por:

---

Prof. Dr Alex Fernandes Bohrer  
(Orientador / IFMG – Campus Ouro Preto)

---

Profa. Dra. Maria Cristina Rocha Simão  
(IFMG – Campus Ouro Preto)

---

Simone Fernandes  
(IPHAN)

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter me feito chegar até aqui. A minha família: minha mãe, pelo carinho e sendo sempre meu porto seguro. Ao meu pai por ter me iniciado nessa área. Aos meus irmãos. Obrigada Cleide por ter me salvado sempre quando podia. Obrigada ao Lê por ser o anjo com a pureza que ronda nosso lar. Agradeço aos primos em especial Amanda, Gustavo e Nathália pelas risadas correções e ajuda nos levantamentos. Aos amigos Angélica, Fran, Marina, Thamyres e Wilker pela amizade e cumplicidade. Ao meu amigo do IFMG “Dom Jean” pela parceria de sempre. Obrigada a Luana Oliveira, pelo companheirismo e paciência. Obrigada ao meu orientador Alex Bohrer por passar os conhecimentos com o que mais me identifiquei. Obrigada a Isabel Lago e a Professora Adalgisa Arantes Campos, sempre solícitas quando precisei. Agradeço a todo o corpo docente, técnicos e alunos da FAOP pelo conhecimento e experiência.

## **Resumo**

Os motivos e os modelos decorativos de peixes e delfins na iconografia em elementos dos lavabos são símbolos importantes que podem fornecer informações, da mesma forma que os atributos morfológicos e tecnológicos abordados no estudo. Busca-se descrever e entender a simbologia e formas dos motivos iconográficos presentes nos lavabos e chafarizes tanto da Minas colonial, como no litoral brasileiro e cidades de Portugal. Busca-se entender mais sobre os materiais, suas características, qualidades, fragilidades e exigências que lhe são colocadas para a conservação e restauração, levando sempre em conta manter o máximo de originalidade em possíveis intervenções.

Palavras chave: Lavabo, Chafariz, Iconografia, Peixes, Restauração.

## Sumário

Introdução.....	5
1 (CAPÍTULO I) OS LAVABOS E CHAFARIZES NO MUNDO PORTUGUÊS .....	8
1.1 O caso português .....	8
1.1.1 Chafariz do largo do município, Torre Vedras - Lisboa .....	9
1.1.2 Chafariz dos pasmados – freguesia portuguesa do concelho de Setúbal Azeitão 11	
1.1.3 Chafariz do Bicho ou do Borges, Miragaia.....	13
1.1.4 Chafariz de São Domingos/ Chafariz do Desvime - Lisboa.....	13
1.2 O caso litorâneo brasileiro.....	14
1.2.1 Lavabo da Igreja do convento de Santo Antônio, Cairu - Bahia.....	14
1.2.2 Lavabo da Sacristia da Igreja de Santa Rita – Rio De Janeiro .....	15
1.2.3 Lavabo da Igreja de Santo Antônio - Recife .....	16
2 (CAPÍTULO II) OS CHAFARIZES NO MUNDO MINEIRO.....	18
2.1 Lavabo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Distrito de Padre Viegas em Mariana .....	20
2.2 Lavabo da Sacristia da Matriz do Pilar Ouro Preto.....	21
2.3 Chafariz do Largo de São Pedro, Mariana .....	21
2.4 Lavabo da Sacristia da igreja de São José – Ouro Preto .....	22
2.5 Lavabo da Igreja de Bom Jesus do Monte de Furquim no Distrito de Furquim em Mariana .....	23
2.6 Lavabo da Antiga Matriz de Boa Viagem, antigo município de Curral Del Rey.....	24
2.7 Chafariz das Cabeças .....	25
2.8 Chafariz do Bairro Jardim Botânico (Passa Dez) – Ouro Preto .....	26
2.9 Estudo de caso.....	28
2.9.1 O caso do Chafariz das Cabeças e o Lavabo da Sacristia da Igreja de São José em Ouro Preto .....	28
3 (CAPÍTULO III) OS MATERIAIS E TÉCNICAS EMPREGADAS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO ..	36
3.1 A cantaria .....	36
3.2 Embrechados .....	38
3.3 Rochas carbonáticas .....	39
3.3.1 Lioz .....	39
3.3.2 Mármore.....	40

3.4	Rochas Ultramáficas .....	40
3.4.1	Pedra Sabão .....	40
3.5	Estado de conservação .....	41
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
5	BIBLIOGRAFIA.....	44
5.1	Meios Impressos.....	44
5.2	Meios eletrônicos .....	46
6	APÊNDICE - MORFOLOGIA E ICONOGRAFIA GERAL ENCONTRADA NOS LAVABOS E CHAFARIZES.....	47
6.1	Águia bicéfala .....	47
6.2	Brasão com as armas da ordem franciscana.....	49
6.3	Concha.....	51
6.4	Delfins .....	52
6.5	Folha de acanto.....	53
6.6	Peixe.....	53



## LISTA DE FIGURAS

<b>Foto 01:</b> Chafariz de Torres Vedra.....	10
<b>Foto 02:</b> Placa que encima o Chafariz de Torres Vedra.....	10
<b>Foto 03:</b> Chafariz dos pasmados.....	12
<b>Foto 04:</b> Chafariz Bicho ou do Borges, Miragaia.....	12
<b>Foto 05:</b> Chafariz São Domingos/ Chafariz do Desvime – Lisboa.....	13
<b>Foto 06:</b> Lavabo da Igreja do convento de Santo Antônio - Cairu.....	15
<b>Foto 07:</b> Lavabo da Igreja de Santa Rita – Rio de Janeiro.....	16
<b>Foto 08:</b> Lavabo da Igreja de Santo Antônio – Recife.....	16
<b>Foto 09:</b> Lavabo da Igreja de Santo Antônio – Recife.....	17
<b>Foto 10:</b> Lavabo da Sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Rosario no Distrito de Padre Viegas – Mariana/MG.....	20
<b>Foto 11:</b> Lavabo da sacristia da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto.....	21
<b>Foto 12:</b> Chafariz do Largo de São Pedro, Mariana.....	21
<b>Foto 13 e 14:</b> Lavabo da Igreja de São José Ouro Preto.....	22
<b>Foto 15:</b> Esfera armilar encimando o para vento da Igreja de São José.....	23
<b>Foto 16:</b> Lavabo da Igreja de Bom Jesus do Monte em Furquim.....	24
<b>Foto 17:</b> Lavabo da Antiga Matriz de Curral Del Rey.....	25
<b>Foto 18:</b> Chafariz das Cabeças.....	26
<b>Foto 19:</b> Chafariz do Jardim Botânico.....	27
<b>Foto 20:</b> Fotografia do antigo chafariz tirada pelo então Prefeito de Ouro Preto.....	27
<b>Foto 21 e 22:</b> Lavabo da Igreja de São José Ouro Preto.....	31
<b>Foto 23 e 24:</b> Lavabo da Igreja de São José e Chafariz das Cabeças.....	31
<b>Foto 25:</b> Lavabo da Igreja de São José e Chafariz das Cabeças.....	32
<b>Foto 26 e 27:</b> Chafariz das Cabeças e Lavabo da Igreja de São José Ouro Preto.....	32
<b>Foto 27 e 28:</b> Chafariz da Glória e Chafariz do Passo de Antônio Dias.....	34
<b>Foto 29:</b> Pequena figura representando a águia bicéfala.....	49
<b>Foto 30:</b> Pormenor do lavabo da igreja de Santo Antonio em Recife.....	50
<b>Foto 31:</b> Pormenor do lavabo da igreja do Convento de Santo Antonio, Cairu - Bahia.....	50
<b>Foto 32:</b> Acrônimo de Peixes.....	54
<b>Foto 33:</b> Imagem do peixe ainda preservada nas catacumbas romanas.....	54
<b>Foto 34:</b> O acróstico, em grego.....	55
<b>Foto 35:</b> Figuras do peixe em mosaico na igreja em Tabgha – Israel.....	55

## Introdução

Os lavabos eram e são até hoje peças sagradas dentro da igreja e em termos litúrgicos são tidos como uma espécie de purificador: pequenas vasilhas com água para se purificar os dedos, antes de com eles tocar na sagrada Eucaristia.

Lavar as mãos era prática do ritual de muitas religiões da antiguidade, também agrupado aos rituais da igreja católica. A palavra “lavabo” tem origem indo-européia e expressa exatamente lavar ou limpar. Lavar as mãos antes das refeições se tornou um costume mais popular na Idade Média, como forma de prevenção de doenças. Os lavabos eram pias com esse intuito específico ou meramente uma bacia e um jarro de água sobre um móvel. Como não existia água encanada, no corpo da maioria dos lavabos estudados, existia sempre um orifício em algum ornamento e dentro dele uma espécie de reservatório para que pudessem encher e depois irem com as vasilhas para que os sacerdotes se purificassem dentro da igreja.

Na construção civil e na arquitetura, o lavabo é na maioria das vezes o menor ambiente da residência ou templo, tendo em média de dois a cinco metros de área, o que não diminui seu brilho como estrutura. Tratando-se de lavabos como peças religiosas, eles se encontram em sacristias, espaço de vital importância para a dinâmica e funcionamento do templo. Na arquitetura religiosa do Brasil colonial, os lavabos aparecem em primeiro momento, na lateral, junto ao corpo da capela-mor, e, no segundo momento, ao fundo da construção. E para sua construção contratavam-se artistas de grande competência e aptidão, que elaboravam o projeto conjugando-os com outros elementos básicos, para a adoração nos templos religiosos. Sendo assim passaram a ser tão ricos e bem elaborados quanto a nave e capela-mor. Os maiores detentores, autores e administradores desses elementos arquitetônicos eram as Irmandades.

O presente trabalho, conta também com o estudo dos chafarizes de Minas Gerais; concelhos e freguesias de Portugal. Na época de suas construções, século XVIII e XIX, esses eram locais de encontro público e tinham como função designar o uso da água para o consumo doméstico da população. Consideradas obras de arte barroca, rococó e neoclássica essas peças foram ganhando destaque na paisagem urbana e complementam o cenário histórico das cidades. Até o século XIX os chafarizes foram lugares de intenso convívio social, cujas interações eram mediadas pela necessidade vital de água. Atualmente considerados Patrimônio Cultural, a maioria dos chafarizes

estão secos. A ausência de água torna o Chafariz um lugar indefinido. Monumentos erguidos como obras de utilidade pública, hoje podem ser vistos como testemunhos históricos das cidades ou obras de arte do estilo barroco.<sup>1</sup>

Do símbolo estudado (delfins ou peixes) temos então esculturas inseridas no corpo dos lavabos e chafarizes aqui abordados. Tal tema alegórico foi escolhido por representar uma questão que poderia transparecer diretamente (concreto ou fantasioso), como, também conduzir, através do próprio desenho, uma mensagem simbólica convencional. Corresponderia esse fim aos raros episódios que se pode falar da iconografia dos peixes. Há certos casos, como na maioria apresentados aqui, que não deixam margem a nenhuma especulação, pois carecem os de documentos ilustrados, mesmo assim a consciência persisti em uma representação. Tais figuras, não seriam por si só documentos iconográficos? Representariam algo? Ou apenas o sentido comum que retrata o acróstico da figura peixe, usado pelos primeiros cristãos, da expressão "Iesus Christos Theou Yios Soter", que diz: "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".

Neste passo, apresentamos simplesmente a título de ilustração e breve descrição formal, chafarizes e lavabos com inserção do símbolo peixe em seus corpos estruturais.

Por esse motivo, conseqüentemente ou à vista disso o estudo retratará elementos como: delfins ou peixes em chafarizes de cidades e concelhos de Portugal. Seriam eles: Chafariz do largo no município de Torre Vedras em Lisboa, Chafariz dos pasmados na freguesia do concelho de Setúbal Azeitão, Chafariz do Bicho ou do Borges em Miragaia, Chafariz de São Domingos ou Chafariz do Desvime em Lisboa.

No caso litorâneo, será feita uma abordagem sobre o lavabo da Igreja do convento de Santo Antônio em Cairu na Bahia, lavabo da Sacristia da Igreja de Santa Rita no Rio De Janeiro e lavabo da Igreja de Santo Antônio em Recife.

No caso mineiro há uma mescla de chafarizes e lavabos, desse modo será analisado, o chafariz do Largo de São Pedro em Mariana, Chafariz das cabeças em Ouro Preto, Chafariz do antigo Jardim Botânico (atual Passa Dez). Entre os lavabos, estão os da: Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Distrito de Padre Viegas em Mariana, lavabo da Sacristia da Matriz do Pilar em Ouro Preto, lavabo da Sacristia da igreja de São José em Ouro Preto, lavabo da Igreja de Bom Jesus do Monte de Furquim no Distrito de Furquim em Mariana, lavabo da Antiga Matriz de Boa Viagem, antigo município de Curral Del Rey (atual Belo Horizonte).

---

<sup>1</sup> MENDES, Eloísa Brantes. *Performances urbanas como reinvenção do monumento Chafariz*, p. 2

Pretende-se aqui alcançar uma conexão entre os lavabos e chafarizes de Portugal; litoral brasileiro e Minas Colonial. Tornando-se possível algumas comparações entre o estilo, conseguindo através disto datar algumas das obras, como as inseridas no meio mineiro, pelo estudo da morfologia e características estilísticas de cada uma delas.

# 1 (CAPÍTULO I) OS LAVABOS E CHAFARIZES NO MUNDO PORTUGUÊS

Há três termos relacionados ao sinônimo lavabo, que serão apresentados a seguir. São eles: 1- o termo litúrgico junto à ação de lavar as mãos, 2- pequenas bacias ou 3- estrutural como em forma de apenas pia ou monumentais chafarizes. Damos como exemplo de monumentalidade os lavabos da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e da Igreja de São Francisco de Assis, ambas localizadas na cidade de Ouro Preto-MG. O fulcro do presente estudo será a análise das já referidas estruturas em igrejas, geralmente encontradas, na sacristia ou no corredor que liga esta à capela-mor.

O sacerdote responsável pela celebração, após a apresentação das oferendas (incensação, quando houver) lava as mãos. A esse cerimonial dá-se o nome de lavabo e tem intuito simbólico. Revela, para o sacerdote, o anseio de estar completamente purificado antes de dar início a oração eucarística, que é o ponto máximo de toda a celebração.<sup>2</sup> Recomenda-se utilizar um belo recipiente e considerável quantidade de água na qual o reverendo imerge as mãos, e uma toalha decente. Afinal, é importante deixar claro os sinais.

Os chafarizes são construções que podem ser ornamentais ou não, munidos de uma ou mais bicas, de onde se esguicha água potável para o consumo da população. Na maioria das vezes, localizam-se em lugar aberto à visitação pública, como praças e jardins. Podem ser construídos com várias finalidades, dentre elas: manter a umidade do ar, matar a sede, servir de ornamento ou decoração e também uma função social, sendo muitas vezes pontos de encontro e de convívio da população.

## 1.1 O caso português

Para a construção das análises em volta dos lavabos e chafarizes do caso português e do caso litorâneo brasileiro, foram escolhidas estruturas que conseguiríamos acesso a fontes bibliográficas e imagens. Tais chafarizes foram usados para comparação e contraposição a morfologia e materiais usados na Minas Setecentista. Mesmo não tendo acesso direto as peças portuguesas foi possível diagnóstico sobre símbolos encontrados no corpo de tais construções. As imagens foram buscadas na internet e para a construção de análises precedentes o contato com tais fontes figurativas foram essenciais.

---

<sup>2</sup> Lavabo: ato de lavar as mãos. Na missa, o lavabo ocorre após a apresentação das ofertas. Além disso, o lavabo acontece quando o sacerdote tem necessidade de lavar as mãos, por ocasião do lava-pés, imposição das cinzas, unção das mãos do neo-sacerdote.

Em Portugal havia conflito na questão do comando e gestão dos recursos hídricos. E isso é mais bem compreendido quando abordado dentro de uma perspectiva de construção de imagens status e de poder. Símbolo de vida e abundância, a água foi em todos os tempos um rico fator de crescimento. Aquele que em um gesto de desapego dá de beber a população, ganha para si mesmo uma figura de força e poder.

Aspecto mais importante quando eram equipamentos de grande visibilidade: fontes e chafarizes foram durante séculos, os principais pontos de reunião e socialização da população urbana.

É interessante notar que os chafarizes em Portugal, muitas vezes não estão apenas inseridos em muros como em Minas Gerais, mas sim introduzidos em fachadas de prédios e casas.

Nota-se que a temática de peixes nos chafarizes de Portugal é bastante comum, devido a este símbolo retratar a vida do povo português, um povo navegador e pescador. Porém, neste tempo de análises e espécie de catalogação de chafarizes em que tivemos acesso a bibliografia, o curioso é que diferente do caso litorâneo brasileiro e do caso mineiro, tais elementos em Portugal aparecem sozinhos ou alados, por exceção do Chafariz do Desvime em Lisboa, que lembra bastante os chafarizes estudados nas regiões brasileiras já citadas. Não digamos isso pelos mesmos traços, já que Minas Gerais entrou no cenário artístico com uma identidade única, mas sim por sua composição em que desta vez aparecem peixes entrelaçados. Talvez isso ocorra por serem datados da mesma época e também por servirem de modelos da mão de obra exportada de Portugal que atuava no estado Mineiro.

#### 1.1.1 Chafariz do largo do município, Torre Vedras - Lisboa

A Fonte da praça do município foi construída em 1776 e tem a fachada de um andar, com quatro pequenas janelas a moda pombalina, únicas deste estilo que existem na cidade. A água corre pela bica proeminente da boca de um delfim para um pequeno tanque de mármore e é trazida por um ramal subterrâneo do aqueduto do Chafariz dos Canos.

Por cima deste chafariz encontra-se uma lápide com a inscrição: “JOSEPH. I. P. P. IMP. AD CARCER POPVL. Q. COMMOD. FONT. HVNC. PVBL. EXP. PRAESES PROV. ERIG. CVRAVIT NA. MDCCLXXVI”, ou seja, “O Corregedor da Comarca fez erigir esta fonte, a expensas do público, no ano de 1776, para comodidade da cadeia e do povo, reinando D. José I, Pai da Pátria”. Sobre esta lápide vê-se um

curioso escudo em forma de coração e no centro do qual estão duas torres inclinadas, semelhantes às antigas insígnias das armas da vila do Chafariz dos Canos.<sup>3</sup>



**Foto 01:** Chafariz de Torres Vedra.

**Disponível em:** <<http://www.cm-tvedras.pt/turismo/roteiro/?id=2507>>. **Acesso:**10/08/2016

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://www.cm-tvedras.pt/turismo/roteiro/?id=2507>>, acesso em:10/08/2016



**Foto 02:** Placa que encima o Chafariz de Torres Vedra.

**Disponível em:** <<http://fotosdosarredores.blogspot.com.br/2012/04/chafariz-da-praca-do-municipio-torres.html>>. Acesso: 09/07/2016

### 1.1.2 Chafariz dos pasmados – freguesia portuguesa do concelho de Setúbal Azeitão

O Chafariz dos Pasmados tem monumentalidade, não só pelo seu porte, como também, pelos elementos decorativos esculpidos em mármore, do qual salientamos, pelo significado e pela perfeição da escultura, o escudo real de D. Maria I.

O monumento tem uma parede bastante alta e sólida, bem proporcionada no comprimento e que, apesar de estar inserida no meio urbano, impõe-se na paisagem, quer seja vista em perspectiva, quer enquadrada na cenografia das portentosas árvores que estão em plano posterior.

Segundo Luisa Arruda a fonte nesta época é projetada como obra de arte e serve de suporte a discursos que lhe são próprios. Como obra de arte, o Chafariz dos Pasmados, poderá ser descrito da seguinte forma:

Espaldar composto de um corpo central de maior porte e dois laterais, recuados - de perfil superior recortado. O corpo central é coroado por uma “rosa dos ventos”, em metal, facetado, com quatro pontos cardeais e oito colaterais, a qual está fixa num suporte em alvenaria que assente no frontão em forma de mitra. Este está separado da cartela central por um friso que corre a todo o comprimento da fonte. Este frontão com



um friso boleado toda a volta, tem no seu interior outra pequena cartela ladeada de dois ramos de loureiro por banda, contendo a seguinte inscrição: “ANNO 1787”, ou seja, o ano da inauguração.

A cartela central é rodeada por duas pilastras com a técnica de cantaria, curvada para dentro. Estes pilares, assim como os outros dois cantos da fachada são arrematados por vasos. No topo, se vê o escudo da Rainha Maria I, (monarca reinante em 1778), em mármore muito bem esculpido.

Encostada à parede vê-se um vaso de flor esculpido em mármore e em alto relevo. Entre este vaso e a bacia da fonte, encontra-se de pé, o golfinho, também esculpido em mármore, com o corpo formando meio espiral, de cuja boca derrama dia e noite água.

Os corpos laterais estão ligeiramente recuados, cada um tem duas cartelas no topo, o mesmo contorno central, mas espaçados por um "olho de boi" em relevo bojudo.

O bojo que segue o painel central, de largura, é considerado muito grande, e de formas harmoniosas. É formado em semicírculo pouco extenso, com o corpo da borda invertido formando saliência para o exterior. Lembra muito as banheiras de balneários da antiguidade romana. É também trabalhado em mármore.

Ao lado do golfinho vemos duas carrancas, que hoje são vinculadas a rede publica de fornecimento de água, mas que antes eram mantidas pela nascente.<sup>4</sup>



**Foto 03:** Chafariz dos pasmados.

**Disponível em:** <<http://olhares.sapo.pt/fonte-dos-pasmados-azeitao-foto4195646.html>>. **Acesso:**

18/07/2016

---

<sup>4</sup> Disponível: [http://www.azeitao.net/Fontes/fonte\\_pasmados.html](http://www.azeitao.net/Fontes/fonte_pasmados.html). Acessado em 18/07/2016

### 1.1.3 Chafariz do Bicho ou do Borges, Miragaia

Localizado nos terrenos da Confraria do Espírito Santo. Embutida na fachada de um prédio na Rua S. Pedro de Miragaia, foi construída a mando do proprietário, António José Borges, Capitão da Marinha, que ao construir uma residência (ampliada em 1854 pelos mesários da Confraria de S. Pedro) que desejava ter na fachada de sua casa um chafariz para serviço da população. Possui nicho encaixado no centro do edifício, cuja única bica é apresentada por um delfim, que por ter formato não muito compreensível os populares o designaram de "bicho".<sup>5</sup>



**Foto 04:** Chafariz Bicho ou do Borges, Miragaia.

**Disponível em:** < [http://manueljosecunha.blogspot.com/2012\\_09\\_01\\_archive.html](http://manueljosecunha.blogspot.com/2012_09_01_archive.html) > **Acesso:**  
18/07/2016

### 1.1.4 Chafariz de São Domingos/ Chafariz do Desvime - Lisboa

Com uma arquitetura infra-estrutural que se enquadra no estilo tardo-barroca, o chafariz é integrado a um longo muro, ritmado por pilastras de massa ou em silharia fendida, terminado em cornija e platibanda, vazada ou plena, com acrotérios, possuindo espaldar tripartido, coroado por urnas ou bolas de cantaria; o pano central, coroado por espaldar e obelisco, possui duas bicas em forma de delfins entrelaçados, encimadas por nicho e cartela retangular com falsos brincos, a que se adossa tanque retangular de ângulos recortados; os panos laterais possuem amplas almofadas e bancos adossados.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://manueljosecunha.blogspot.com.br/2012/09/fontanario-miragaia.html>. Acesso em 18/07/2016

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.monumentos.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4807](http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4807). Acesso em 17/06/2016.



**Foto 05:** Chafariz São Domingos/ Chafariz do Desvime – Lisboa

**Disponível em:**

<[https://lh3.googleusercontent.com/4sioSYUvEhd5fZNE0PYxvk5bPcNNIXCYUlk0itcNwdpe6OHSnYD0IbfeuE\\_YqesUArzV-JA=s85](https://lh3.googleusercontent.com/4sioSYUvEhd5fZNE0PYxvk5bPcNNIXCYUlk0itcNwdpe6OHSnYD0IbfeuE_YqesUArzV-JA=s85)> **Acesso:** 14/07/2016

## 1.2 O caso litorâneo brasileiro

A explicação para o caso litorâneo brasileiro está inserido no caso português é explicado pelo fato de diferente dos espanhóis nas regiões andinas, os colonizadores portugueses não se depararam aqui (litoral brasileiro) com culturas avançadas, tradições sólidas e firmes de arquitetura, estatuária de pedra e mão-de-obra capacitada, que tivessem domínio para serem utilizadas com eficiência. Em decorrência disso, é possível explicar os marcantes traços europeus, com destaque as obras de Portugal, na arquitetura construída no Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII, em comparação com os seus vizinhos andinos e até mesmo diferenças visíveis na estatuária comparando a Minas Gerais. Deste modo as peças de lavabos inseridas nos templos religiosos litorâneos do Brasil são consideradas portuguesas, por terem sido trazidas de Portugal como lastro em navios.

### 1.2.1 Lavabo da Igreja do convento de Santo Antônio, Cairu - Bahia

O lavabo possui bacia de formato triangular e parte inferior composta de friso côncavo. O espaldar é recortado em curvas e contornado por friso. Na parte central inferior, dois delfins entrelaçados apresentam torneiras embutidas nas respectivas bocas, para o escoamento da água. É fácil notar que se trata de uma intervenção, em substituição aos esguichos originais. Na parte superior, foi gravado um brasão com as

armas da ordem franciscana, representado pelo entrelaçamento dos braços de Cristo e São Francisco, os estigmas e as torres das primeiras casas profetas. No topo, figura uma grande coroa real, simbolizando a proteção do reino português à Ordem de São Francisco.<sup>7</sup> A coroa real sugere uma relação entre a colônia e a metrópole. Lembrando que a Irmandade da Ordem Terceira de São Francisco, congregava a elite da sociedade colonial.



**Foto 06:** Lavabo da Igreja do convento de Santo Antônio - Cairu

**Disponível em:** <https://www.pinterest.com/pin/575827502335503098/>. **Acesso:** 05/07/2016

### 1.2.2 Lavabo da Sacristia da Igreja de Santa Rita – Rio De Janeiro

Trazido de Portugal em meados do início do século XVIII, trata-se de um lavabo barroco em pedra esculpida com embrechados de mármore policromado em estilo rococó, ao centro são vistos dois delfins entrelaçados e são encimados pela pintura de uma águia bicéfala símbolo agostiniano, associada aos atributos usuais da padroeira: o coração, o cinto e a palma com as três coroas.

---

<sup>7</sup>ARGOLO, José Dirson. *O Convento Franciscano de Cairu. Monumenta*, 2010, p. 88.





**Foto 07:** Lavabo da Igreja de Santa Rita – Rio de Janeiro

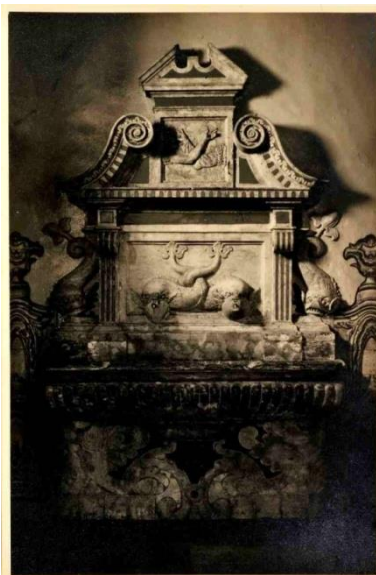
**Disponível em:**

[https://lh3.googleusercontent.com/j\\_n5hqGYBD69hSkpeOcv6qxyt6fItvKeYOsTomWuUGDzO56Scb9gisCnLuOfDeynhqu=s114](https://lh3.googleusercontent.com/j_n5hqGYBD69hSkpeOcv6qxyt6fItvKeYOsTomWuUGDzO56Scb9gisCnLuOfDeynhqu=s114). Acesso: 05/07/2016

### 1.2.3 Lavabo da Igreja de Santo Antônio - Recife

O lavabo da igreja de Santo Antônio no Recife apresenta a figura central de dois delfins cruzados alados de mais dois com o corpo formando meia espiral como vimos também nos chafarizes de Portugal.

Volutas e quartelões compõem os espaços. É encimado por um dos símbolos franciscanos que retratam o encontro do braço de Jesus e de São Francisco.



**Foto 08:** Lavabo da Igreja de Santo Antônio – Recife. Autor: Benício Whatley Dias, 1939

**Disponível em:** <<http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/1953-convento-de-santo-antonio>>. Acesso: 05/07/2016



**Foto 09:** Lavabo da Igreja de Santo Antônio – Recife.

**Disponível:** <<http://www.flickrriver.com/photos/lucasbra/sets/72157620787596602/>>

**Acesso:** 05/07/2016

## **2 (CAPÍTULO II) OS CHAFARIZES NO MUNDO MINEIRO**

A escolha dos instrumentos de estudo localizados em Minas Gerais foi realizada de acordo com as referências e acesso a tais estruturas.

Minas Gerais surgiu em razão da mineração, notadamente a exploração aurífera, responsável por seu caráter urbano. Diferente de outros estados do Brasil, Minas não teve como base econômica inicial a agricultura, e sim atividades ligadas à extração do ouro, pedras preciosas e intensa atividade comercial que acabaram por atrair às áreas de mineração um grande contingente populacional empolgado pela notícia da descoberta do metal na região e as vantagens financeiras que a atividade proporcionaria.

Vila Rica (atual Ouro Preto) foi o maior núcleo urbano do Brasil, durante o século XVIII. Esse processo de urbanização acelerado se intensificou, sobretudo a partir de 1730, quando a produção aurífera entrou no seu ápice. Em decorrência desse grande aumento populacional, o Senado da Câmara de Vila Rica se viu forçado promover obras de infra-estrutura para a população, visando difundir seu desenvolvimento. Dentre elas, se encaixam as pontes e chafarizes.

As contratações para construção desses chafarizes foram feitas mediante licitações públicas, na modalidade de concorrência, em que os contratados foram obrigados a observar os riscos e as condições necessárias para a perfeição na execução, através da técnica de cantaria.

Se o século XVII consagrava a primazia das ordens religiosas, a fim das encomendas artísticas de arquitetura, no século XVIII esta preferência deslocou-se para as irmandades de associados leigos e ordens terceiras, cujas funções seriam cruciais em Minas Gerais, já que os conventos foram proibidos por determinação do Governo Português.

Nos locais de construção das novas igrejas de irmandades, iniciou-se a dominação de artistas leigos, envolvendo mulatos que nasceram na própria colônia, mais independentes do que seus antecessores portugueses subordinados a oficinas tradicionais. Esses artistas exerceram importante papel ao assimilar novos intuitos artísticos do momento, de maneira especial as plantas curvilíneas e a linguagem de características estéticas do rococó.

Ao decorrer do século XVIII, quando a Europa experimentou as visões artísticas do neoclassicismo, a arte mineira opôs-se contra as novidades, com isso manteve um barroco tardio, mas especial e particular.

Minas Gerais estava distante da costa e com isso encontrou problemas para a importação de materiais e técnicas de construção. Este fato possibilitou a criação de uma arte sem precedentes e carregada de uma tendência expressada em costumes e tradições regionais. O desenho da paisagem urbana das cidades mineiras e a fé intrínseca em que cada fiel se relacionava com seu padroeiro possibilitaram uma forma exclusiva de expressão. Com isso, ficou marcado um gosto artístico e, mais do que isso, um modo de viver, uma maneira de ver, notar e ter tal experiência de arte e fé.

Nessa situação, apareceram artistas que trabalharam a partir das condições e incorporaram materiais da região, adequando os ideais artísticos à sua vivência cotidiana.

Aleijadinho inseriu a pedra-sabão em seus trabalhos escultóricos para suprir a falta do mármore, ao mesmo modo que Ataíde inventou pinturas semelhantes aos admirados azulejos portugueses. É nesse sentido que tal estilo único inventado em Minas Gerais ganhou expressão especial no contexto brasileiro, consolidando-se como um estilo diferenciado, o barroco mineiro.

Existiam transformações nos desenhos e na qualidade estética, isso acontecia geralmente às posições de destaque dado a estes monumentos, priorizando construções sofisticadas e de grande porte em locais igualmente importantes. A este respeito, Claudia Lopes e Benedito Lima de Toledo, em estudo sobre *Arquitetura oficial no período colonial: um estudo sobre as pontes e chafarizes de ouro preto* fizeram uma classificação quanto ao valor e estilo decorativo, relacionado às pontes e aos chafarizes, e também outras obras com a técnica de cantaria, classificando-os em três grupos:

- Funcionais: Monumentos utilitários com pouquíssima ornamentação e quase nenhuma preocupação estética, geralmente afastados dos centros administrativos e comerciais da vila. Exemplos: Ponte do Padre Faria e chafariz da rua das Cabeças.
- Decorativos: Começa a haver uma maior preocupação com a ornamentação das ruas, sendo que nesses monumentos já aparecem elementos em cantaria, ainda que pequenos. Exemplos: Ponte do Pilar, chafariz do Rosário e chafariz da rua Barão de Ouro Branco.
- Monumentais: Obras que ocupavam posição de destaque na paisagem da cidade, sendo de grandes proporções e merecendo extremo cuidado no desenho e execução. Apresentam-se bem ornamentados, dotando de diversos elementos



barrocos. Exemplos: ponte de Antônio Dias, chafariz de Marília e chafariz dos Contos.<sup>8</sup>

Com o passar de anos, em especial no caso de chafarizes, e contando com o novo sistema de fornecimento de água encanada no final do século XIX, essas estruturas perderam parte de suas funções, chegando a ruínas e alguns até ao desaparecimento.

## 2.1 Lavabo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Distrito de Padre Viegas em Mariana

Localizado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Distrito de Padre Viegas em Mariana é um lavabo, em cantaria. Apresenta uma pia curvilínea, a figura central retrata dois peixes entrelaçados encimado por uma concha com abertura para entrada de água. Ao topo é visto ornamentação de borlas que são encontradas também em retábulos do estilo joanino que segundo Adalgisa Arantes Campos teve seu auge entre 1730/1760.<sup>9</sup>



**Foto 10:** Lavabo da Sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Rosario no Distrito de Padre Viegas – Mariana/MG.

**Fonte:** Jean Piter Valentim de Paula

---

<sup>8</sup> LOPES, Cláudia e TOLEDO, Benedito de. *Arquitetura oficial no período colonial: um estudo sobre as pontes e chafarizes de ouro preto*.

<sup>9</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao Barroco Mineiro. Cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Editora Crisálida: Belo Horizonte, 2006, pag. 42

## 2.2 Lavabo da Sacristia da Matriz do Pilar Ouro Preto

Apresenta bacia retangular, a figura central representa dois delfins com as caudas para cima e entrelaçadas de cabeças para baixo de onde jorra a água e estão aparentemente nadando sobre uma espécie de correnteza ou onda. Esses dois delfins são encimados por uma concha.



**Foto 11:** Lavabo da sacristia da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto.  
**Disponível em:** <[http://www.wikiwand.com/pt/Barroco\\_no\\_Brasil](http://www.wikiwand.com/pt/Barroco_no_Brasil)>. **Acesso:** 06/07/2016

## 2.3 Chafariz do Largo de São Pedro, Mariana

O chafariz de São Pedro está localizado a Rua Dom Silvério. Tem traços rústicos e com poucas ornamentações, evidenciando que foi mais utilizado por pessoas comuns e com menor renda econômica.



**Foto 12:** Chafariz do Largo de São Pedro, Mariana.

**Disponível em:** <<http://guriestradeiro.blogspot.com.br/2014/03/mariana-mg-brasil-editando-fotos-e.html>>. **Acesso:** 08/07/2016

#### 2.4 Lavabo da Sacristia da igreja de São José – Ouro Preto

O lavabo encontra-se na Igreja de São José, mas apesar de ser chamada por esse nome o templo tem oficialmente o nome de Capela de São José dos Pardos e Bem Casados e Santa Cecília dos Músicos

O lavabo trata-se de uma estrutura de composição simples feita em cantaria. A figura central é composta por dois peixes cruzados encimado por uma concha com pequena abertura para a entrada de água.



**Foto 13 e 14:** Lavabo da Igreja de São José Ouro Preto.

**Fonte:** Acervo IFAC/UFOP e Caroline J. Jesus

Na fotografia da primeira metade do século XX podemos observar o brasão do Império Brasileiro encimando a concha. Talvez este fato acontecesse porque em 1889, dom Pedro II concedeu o título de imperial capela ao templo de São José dos Pardos e Bem Casados e Santa Cecília dos Músicos. Atualmente a mesma esfera armilar de Portugal encontra-se acima do para vento da igreja que dá acesso a nave do templo.



**Foto 15:** Esfera armilar encimando o para vento da Igreja de São José.

**Fonte:** Caroline J. Jesus

## 2.5 Lavabo da Igreja de Bom Jesus do Monte de Furquim no Distrito de Furquim em Mariana

Este lavabo é sem dúvidas o mais bem trabalhado tecnicamente entre os analisados neste estudo se tratando de Minas colonial. A forma como a pedra foi trabalhada não foi vista em nenhuma das demais estruturas.

Apresenta-se em material de pedra sabão constituído por várias volutas. Na figura central observa-se dois peixes entrelaçados com fisionomia mais parecida com a de uma cobra ou dragão. No corpo aparecem escamas. Acima dos peixes é visto um elemento não identificado, certamente para a entrada de água. Em outros exemplos já citados o elemento para a entrada de água é a concha.



**Foto 16:** Lavabo da Igreja de Bom Jesus do Monte em Furquim.

Fonte: Acervo pessoal (Alex F. Bohrer)

## 2.6 Lavabo da Antiga Matriz de Boa Viagem, antigo município de Curral Del Rey

Na antiga Matriz de Nossa Senhora de Boa Viagem no antigo município de Curral Del Rey, atual Belo Horizonte, encontrava-se um lavabo trabalhado em pedra sabão.

No fim do século XVIII, as jazidas de ouro em Vila Rica se esgotaram deste modo o ciclo do ouro deu lugar à pecuária e agricultura, instituindo novos centros regionais.

Com a mudança da Capital, a antiga Matriz de Boa viagem foi demolida, dando lugar a uma nova edificação, ao estilo da época. Assim, o lavabo em pedra durante muito tempo ficou instalado em um jardim posterior da nova igreja. Nos dias atuais encontra-se exposto no Museu Abílio Barreto juntamente ao altar original da referida igreja.

É uma peça esculpida em pedra-sabão, apresenta base hexagonal e coluna em forma de pêra ornada com folhas de acanto que sustenta larga bacia de bordas reviradas e marcações verticais. A figura central representa dois delfins com as caudas para cima e entrelaçadas e cabeças para baixo de onde jorra a água. É emoldurada por elementos conchoides, volutas e angras e no fecho tem-se uma cartela em forma de rocalha com a data de 1793 inscrita. O coroamento é feito por uma

cornija decorada com elementos fitomorfos e é encimada por variadas formas de conchoides.<sup>10</sup>



**Foto 17:** Lavabo da Antiga Matriz de Curral Del Rey.

**Disponível em:** <<http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/3322-guia-dos-bens-tombados-iephamg/1330-belo-horizonte-catedral-de-nossa-senhora-da-boa-viagem>>. **Acesso:** 19/06/2016.

## 2.7 Chafariz das Cabeças

Chafariz parietal de pedra, com a parede de frente extremada por duas pilastras de pedra de cantaria, constituídas de base, fuste e capitel. É encimado por um frontão de moldura, arrematado superiormente por uma cruz em pedestal barroco, ladeado de duas pinhas. Tem como ornato, dois peixes cruzados no frontispício. Em baixo possui um maciço de alvenaria em formato circular que recebe uma bacia com duas cavidades.

Parece que, a princípio, estava localizado do lado de fora do adro, sendo transferido posteriormente para dentro, à frente da Capela, do lado direito. A terceira modificação deve ter sido a atual, ou seja, no muro lateral esquerdo da Igreja. Nota-se a

---

<sup>10</sup> GOMES, Tarcísio de Guadalupe Sá Ferreira. GUIA DOS BENS TOMBADOS IEPHA, VOL I. p47



presença de dois tipos de rocha: quartzito (utilizado em grande parte das peças) e xisto com clorita e quartzo (utilizado na cruz).<sup>11</sup>



**Foto 18:** Chafariz das Cabeças

**Disponível em:** <<http://mapio.net/pic/p-2134935/>>. **Acesso:** 05/06/2016

## 2.8 Chafariz do Bairro Jardim Botânico (Passa Dez) – Ouro Preto

É um velho chafariz de pedra, sem paredes laterais que o arrimem. Estando toda a fachada sem criação, pode-se ver sua constituição íntima. Apresenta duas pilastras de pedra, sem ordem, ligadas por uma verga, também de pedra e guarnecida no meio de um soco de pedra que devia ter servido de base a uma cruz ou figura. No meio desta parede, existe um quadro de cantaria provido de duas bicas, sem carrancas. O tanque que recebia esta água está sem parede de frente e as do fundo e laterais não se firmam mais, ficando o recinto do tanque aberto. A cantaria deste tanque está toda estragada.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Fundação João Pinheiro. Dossiê de Restauração Plano de Conservação. Valorização e Desenvolvimento. Ouro Preto. Mariana. 1973/75. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_belas.gif&Cod=1365](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1365), acesso 04/07/2016.

<sup>12</sup> Biblioteca virtual. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Vol. V – 1944, pag.50.



**Foto 19:** Chafariz do Jardim Botânico,  
Luiz Fontana, foto entre 1920 e 1950.  
**Fonte:** Acervo IFAC/UFOP.



**Foto 20:** Fotografia do antigo chafariz tirada pelo então Prefeito de Ouro Preto (1932-1942), Sr.  
Washington de Araújo Dias.  
**Fonte:** IFAC – Ouro Preto / Minas Gerais – Passa Dez e Vila Pereira.



## 2.9 Estudo de caso

### 2.9.1 O caso do Chafariz das Cabeças e o Lavabo da Sacristia da Igreja de São José em Ouro Preto

Salienta-se que não há relatos nem bibliografia do que será defendido aqui. Ao ser observado nos estudos, nos deparamos com a semelhança dessas duas estruturas. O chafariz das Cabeças foi arrematado por Francisco de Lima Cerqueira.

Francisco de Lima Cerqueira foi um arrematante de obra Português que atuava na Capitania de Minas, na segunda metade do setecentos. Com base em informações retiradas de sua certidão de batismo, Francisco de Lima Cerqueira nasceu em 02 de outubro de 1728, em São Mamede, Arcebispado de Braga. Filho de Antônio Bistes e Izabel Cerqueira.

Não há informações baseada em documentos que podem esclarecer os anos iniciais de desenvolvimento profissional de Lima Cerqueira, mas Dangelo (1997) nos presenteia com ganchos importantíssimos para uma melhor compreensão deste período de vida ativa deste mestre de obras. Segundo o pesquisador, antes de se conduzir a América Portuguesa e, em seguida, viajar para a Capitania de Minas, seguramente, ele trabalhou ao norte de Portugal, junto ao local de seu nascimento.

Já em Minas Gerais a primeira vila pela qual Lima Cerqueira passou ao chegar foi Vila Rica, podendo ser localizado no Livro de Entrada de Irmãos e Profissões, e aceito como Irmão da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, onde pode ser lida a seguinte frase “em 11 de abril de 1754, professou como irmão desta Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto, Francisco de Lima”. Ordem Terceira que nomeou posteriormente o mestre obras como Procurador Geral<sup>13</sup>. A partir dessa nomeação percebe-se o quão confiável e respeitado era este mestre de obras, sendo selecionado para responder por uma das mais importantes ordens religiosas de Minas Gerais.

Lima Cerqueira continuou nas terras mineiras e somente sete anos após a sua entrada como Irmão na Ordem Terceira de São Francisco de Assis, que ele entrou de modo formal na carreira profissional. Foi na década de 1760, mais exatamente em 1761, que Lima Cerqueira começou a assumir alguns trabalhos ligados a sua formação, tanto de pedreiro, quanto de canteiro. A partir de seu registro profissional, localizado no Censo dos Ofícios Mecânicos de Vila Rica e publicado por Martins (1974), Lima

---

<sup>13</sup> Em 11 de julho de 1781 reuniu-se a Mesa, e a novidade foi que Francisco de Lima Cerqueira apareceu como Procurador Geral da Ordem fazendo a proposta de que era chegado o momento de executar a obra do retábulo. (RAMALHO, 2009, p. 75).

Cerqueira estréia a sua carreira nas Minas Gerais. No ano de 1763 o mestre de obras inicia a sua atuação arrematando obras públicas. Começou com obras mais simples como, por exemplo, o Chafariz, localizado no Alto das Cabeças. Ao começar por obras mais modestas ele demonstrou ser um profissional que galgava pacientemente os vários patamares existentes no cenário construtivo, tal postura o fez conquistar o posto de mestre de obras de importantes construções para o universo arquitetônico mineiro e também ter a oportunidade de atuar ao lado de importantes mestres como, por exemplo, Domingos Moreira de Oliveira, um dos maiores construtores de Minas Gerais, responsável pelas obras da igreja de São Francisco de Assis, em Vila Rica. É importante salientar que Francisco de Lima Cerqueira era um arrematante, como diz Dangelo:

Era um homem que arrematava pequenas empreitadas e trabalhava a jornal, e por isso era pobre. (...) Lima Cerqueira tinha mais gênio de artista e homem de criar e obrar e não um perfil de um administrador, como demonstrou mais tarde ao terminar sua carreira falido em São João del-Rei.<sup>14</sup>

Não se pode dizer certamente que ele esculpiu o lavabo da Igreja de São José em Ouro Preto e o Chafariz das Cabeças, pois não há qualquer documentação para tal comprovação. Estamos partindo do ponto de traços e volumetria idênticos, que indiquem talvez uma oficina.

Estudiosos como Lúcio Costa (1951) e Germain Bazin (1971) elogiaram o trabalho realizado por Aleijadinho, mas sucessivamente desmereceram os trabalhos feitos por Lima Cerqueira em alguns lugares como na Igreja de São Francisco de Assis – São João del-Rei/MG. Bazin diz o seguinte com relação às alterações feitas por Lima Cerqueira no frontispício da igreja.

No que se refere ao frontispício, cujo desenho primitivo nos chegou às mãos, podemos julgar-lhe a beleza antes de haver sido desfigurado pelo inútil pathos de Francisco de Lima Cerqueira.<sup>15</sup>

Em um ato posterior (1983) Bazin transcorreria a avaliaria o valor que Lima Cerqueira teve na paisagem arquitetônica da Capitania de Minas Gerais. O autor, na tentativa de demonstrar de forma positiva os trabalhos de Lima Cerqueira diz o seguinte:

Francisco de Lima Cerqueira é um dos mais importantes arquitetos de Minas Gerais da época do rococó. Trabalhou em diversos monumentos (...) sua maior obra foi a capela dos terceiros franciscanos da mencionada cidade, cujo desenho foi feito pelo

---

<sup>14</sup> DANGELO, 2014, p. 253

<sup>15</sup> BAZIN, 1971, p. 138.

Aleijadinho. Ele o modificou muitíssimo, sobretudo no frontispício, após 1779, e o vereador de Mariana cita expressamente a sua colaboração nessa obra.<sup>16</sup>

O chafariz do bairro Cabeças apresenta a figura de dois peixes entrelaçados, sendo que o da direita vem à frente. No caso do lavabo da sacristia de São José acontece o contrário. O peixe da esquerda vem à frente. Entretanto as diferenças param por aí.

Tratando-se do tema Peixe, eles são idênticos. A proporção, volumetria, orifício para saída de água, encontro de caldas, curvas, traços de boca, narinas e olhos são os mesmos.

No livro “Capela de São José dos Homens Pardos em Ouro Preto História, arte e restauração, Campos comenta:

Nessa primeira metade do século XVIII tem-se na freguesia do Pilar a igreja paroquial, a Capela do Rosário dos Pretos e a Capela de São José dos Homens Pardos. A partir da segunda metade do século foram edificadas outros templos, como Mercês (de Cima), São Miguel e Almas (mais conhecida por Capela do Bom Jesus), no bairro das Cabeças, e por último, a Capela de São Francisco de Paula, todos oriundos de irmandades de crioulos e pardos.<sup>17</sup>

Poderíamos aí encontrar as informações do que estamos procurando? Por se tratar de irmandades de crioulos e pardos teriam compartilhado dos mesmos artistas e arrematantes?

Segundo Adalgisa Arantes Campos, nos anos de 1760 a 1764, o mestre pedreiro Antônio Rodrigues Falcato ficou responsável pela execução das obras em pedra da capela-mor e sacristia da Igreja de São José.<sup>18</sup> Seria este o responsável pela obra do lavabo da sacristia da referida igreja e poderia ter sido também, o escultor do elemento peixe, encontrado no Chafariz do adro da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, no bairro Cabeças? Deste modo Francisco de Lima Cerqueira ficaria somente como arrematante dessas duas obras, na verdade trabalhando em seu ofício de origem, já que não era um mestre canteiro nato e sim um arrematador.

Serão apresentados alguns exemplos de comparação sendo sempre o de cima o Lavabo da Igreja de São José e o de baixo o Chafariz das Cabeças. E acreditamos ser do mesmo autor por termos nos deparado com tamanha similaridade.

---

<sup>16</sup> BAZIN, 1983, p. 211.

<sup>17</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. PRECIOSO, Daniel. REZENDE, Leandro Gonçalves de. NARDI, Carolina Proença. *Capela de São José dos Homens Pardos em Ouro Preto História, arte e restauração*. Belo Horizonte: C/Arte, 2015, p.21

<sup>18</sup> Ibidem. P.61



**Foto 21 e 22:** Chafariz das Cabeças e Lavabo da Igreja de São José Ouro Preto.

**Fonte:** Caroline J. Jesus e Acervo IFAC/UFOP.



**Foto 23 e 24:** Lavabo da Igreja de São José e Chafariz das Cabeças

**Fonte:** Caroline J. Jesus



**Foto 25:** Lavabo da Igreja de São José e Chafariz das Cabeças

**Fonte:** Caroline J. Jesus



**Foto 26 e 27:** Chafariz das Cabeças e Lavabo da Igreja de São José Ouro Preto.

**Fonte:** Caroline J. Jesus

Era comum no século XVIII a circulação de condições, riscos e contratos de arrematação e alguns conceitos fundamentados nessas informações serão pertinentes.

A questão que chama a atenção na construção de prédios públicos, chafarizes, pontes e também dos templos religiosos é que foram feitos a partir de circulação de riscos, e para que pudessem ser feitos, precisariam de perfeição técnica em que somente quem possuía conhecimentos específicos na área de arquitetura teria domínio para a elaboração.

Citando mais um exemplo de circulação de riscos, nos deparamos com os chafarizes da Glória e do Passo de Antônio Dias, idênticos no desenho, volumetria e morfologia.

Datado de 12 de agosto de 1752 conforme auto de arrematação as obras do chafariz da Glória foram arrematadas por Antônio Fernandes Barros e Antônio da Silva Erdeiro, cujo projeto obedeceu ao mesmo risco utilizado na construção da fonte do Passo de Antônio Dias, do qual se diverge por pinhas que ladeiam o frontão. A autoria não foi, no entanto, identificada documentalmente.<sup>19</sup>

Certamente a iniciativa partiu do Senado da Câmara de Vila Rica, não tendo sido identificada documentalmente a autoria do projeto. Entretanto, o "Registro das Condições" do chamado Chafariz da Glória, construído na mesma época (1752/53) estabelecia que sua construção obedecesse integralmente ao risco feito para o Chafariz de Antônio Dias. Com base na vinculação de risco entre os dois projetos, pode-se inferir que as normas gerais de construção e a especificação do material empregado tenham sido idênticas ou semelhantes às estabelecidas para o Chafariz da Glória.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Disponível em:< [http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_belas.gif&Cod=1363](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1363)>, acesso: 16/09/2016.

<sup>20</sup> Disponível em:< [http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_belas.gif&Cod=1366](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1366)>, acesso: 16/09/2016.





**Foto 27 e 28:** Chafariz da Glória e Chafariz do Passo de Antônio Dias.

**Fonte:** <https://www.flickr.com/photos/clauidiotibaldi/4286753949> e

[https://www.tripadvisor.com.br/AttractionsNear-g303389-d455980-Luxor\\_Ouro\\_Preto\\_Pousada-Ouro\\_Preto\\_State\\_of\\_Minas\\_Gerais.html](https://www.tripadvisor.com.br/AttractionsNear-g303389-d455980-Luxor_Ouro_Preto_Pousada-Ouro_Preto_State_of_Minas_Gerais.html). **Acesso:** 15/09/2016

Em um levantamento envolvendo obras públicas realizadas na cidade de Mariana / MG nos anos de 1745 a 1800 a historiadora Denise Maria ribeiro Tedeschi, fundamentou-se em processos de arrematações que encontram-se nos arquivos da Câmara da cidade. Tedeschi apontou que foram cumpridas em torno de duzentas e quarenta obras públicas em Mariana e, para cada obra a ser edificada, determinavam-se as condições, o risco e o contrato estabelecido entre o comitente e o arrematante.

[...] nas duzentas e quarenta obras públicas arrematadas (canos, chafarizes, calçadas, prédios, pontes, caminhos, entre outras, atuaram 85 oficiais diferentes. Entretanto, um conjunto de 95 obras (35%) se concentrou nas mãos de um grupo restrito de sete oficiais mecânicos construtores reinóis.<sup>21</sup>

Lembrando que os principais comitentes das edificações religiosas eram as associações religiosas de leigos, e não o Senado da Câmara. Sendo assim para cada

---

<sup>21</sup> TEDESCHI, Denise Maria Ribeiro. Águas urbanas: as formas de apropriação das águas em Mariana/MG (1745-1798) Campinas, São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. p. 105.

igreja ou capela se estabeleciam os mesmos documentos de obras públicas, ou seja, as Condições, o Risco e o Contrato de Arrematação.

Os métodos que regiam as obras contratadas pelo Senado da Câmara, só se distinguiam do procedimento de encomenda de obras das Associações Religiosas, na medida em que determinações via Câmara, eram tomadas pelos vereadores em sessão solene. Já as decisões por meio de irmandades, eram adotadas pelas referentes mesas administrativas. A Câmara divulgava a obra em praça pública e as irmandades não procediam dessa maneira.

Seguindo ordens do Reino, toda obra desempenhada na Colônia teria de obedecer aos caminhos legais da arrematação, por meio dos quais eram instituídas as condições para a realização da obra, o primeiro esboço do risco e o contrato assinado entre o comitente e o arrematante, chamado de Auto de Arrematação.



### **3 (CAPÍTULO III) OS MATERIAIS E TÉCNICAS EMPREGADAS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

A noção dos métodos e materiais utilizados na construção civil nos revela dados históricos do edifício ou neste caso, do nosso bem integrado: o lavabo. Graças a estas peculiaridades de como construir em cada período, podemos observar influências italianas e portuguesas diretamente na construção dessas estruturas e em seus ornamentos, mostrando a evolução construtiva e uso de materiais ao longo do tempo.

Deste modo, conseguimos datar algumas peças pelo menos por sua influência e inserção em cenário brasileiro. O lavabo da Igreja de Santa Rita no Rio De Janeiro, conta com a técnica de embrechados que foi inserida no Brasil no fim do século XVIII e início do XIX. Ora, poderíamos o datar como sendo uma peça já neoclássica, se tal data não caísse por terra, pelo lavabo ter sido trazido de Portugal no início do século XVIII como lastro em navios por nossos colonizadores, e então caracterizado como Barroco.

Outro exemplo são as peças em cantaria muito encontradas no caso mineiro e que desabrochou em Minas Gerais no século XVIII, visto em ornamentações do período rococó, como elementos conchoides, fitas falantes, elementos fitomorfos etc.

#### **3.1 A cantaria**

A cantaria é uma técnica que consiste em desbastar a rocha em formatos geométricos ou figurativos para emprego em edificações, com desígnio ornamental e/ou estrutural. As construções mais antigas, com as restrições técnicas e ferramentas escassas, eram marcadas por estruturas acidentadas de pedras soltas e de tamanhos desiguais, compondo uma arquitetura bastante rudimentar.

A civilização egípcia é considerada uma das mais antigas, e quanto ao uso de suas técnicas de cantaria há registros de 3000 a.C. Adaptando a condição de materiais rochosos e o anseio de edificar para a posterioridade, os egípcios eram mestres na arte da pedra, com obras extraordinárias, tais como as tumbas do Reino Antigo, a Esfinge e as pirâmides.

As civilizações posteriores, como os gregos, etruscos e romanos, fizeram uso dessas técnicas e, principalmente a partir do século VI a.C., com o início das conquistas e expansão do Império Romano, ocorre à abertura o preparo e validação da profissão de mestre canteiro.

A pedra cantaria foi utilizada em construções no Brasil a partir do século XVI, com a fundação da cidade de Salvador em 1549. Alcançou seu auge e perfeição em

Minas Gerais no século XVIII. Entre o descobrimento e o século XVII a técnica foi empregada pelos portugueses para a construção de fortalezas, fortes, monumentos e outras edificações ao longo do litoral. Durante este período, a rocha usada foi o lioz, um tipo de pedra calcária branca originária de Portugal que era trazida como lastro no fundo das embarcações para obter equilíbrio. Em algumas ocasiões, foram usadas também rochas encontradas perto dos edifícios, tais como o calcário encontrado na Bahia, que foi reconhecido pelo cronista Gabriel Soares Souza, sendo muito parecido com o mármore de lioz que era extraído de Alcântara em Portugal.

Implantada em Minas Gerais sob influência de pedreiros e mestres canteiros, essa arte contraiu as características peculiares, através do uso de rochas locais e capacidade criadora dos mestres e funcionários nativos, apresentando-se na arquitetura do século XVIII e ajudando na criação de um suntuoso e original cenário caracterizado pelo Barroco Mineiro.

Era uma técnica cara da construção, deste modo a cantaria se desenvolveu em vilas e arraiais ricos deste momento, ou seja, cidades relacionadas à extração aurífera e atividades comerciais. Assim, os conjuntos arquitetônicos mais abrangentes e complexos estão em Congonhas, Mariana, Ouro Preto, São João Del Rei e São José Del Rei (atual Tiradentes), endereço de autoridades militares, líderes comerciantes, fazendeiros, nobres, bispos, governadores.

Entre as antigas cidades do ouro que incluíram seus edifícios e monumentos marcados pela arte da cantaria, Ouro Preto é enfatizado pela abundância e grau de excelência em sua arquitetura e bens integrados. O lioz que era usado na cantaria brasileira e portuguesa nos seiscentos e setecentos, foi substituído pela cantaria encontrada em Ouro Preto que se desenvolveu com o uso do quartzito, e era conhecido nesta época por itacolomito<sup>22</sup>, por ser extraído da Serra do Itacolomi, e era de ótima qualidade para o emprego de cantaria.

O emprego e propagação de materiais pétreos em construções públicas, templos religiosos e na arquitetura civil, tanto em estruturas ou ornamentações na cidade de Ouro Preto, andou lado a lado com a estabilização do núcleo urbano de Vila Rica, especialmente através do comparecimento administrativo da Coroa.

---

<sup>22</sup> Rocha metamórfica quartzosa ligeiramente macia e antiderrapante, além de um mal condutor de calor. Os quartzitos são decorrentes do metamorfismo dos arenitos. Conseguimos encontrar no Brasil dois tipos de quartzito, o itabirito, composto de quartzo e hematita e o itacolomito, que é micáceo.

Há muitas obras monumentais de cantaria em Ouro Preto, mas três tipos de edifícios são notáveis, dado o valor que tiveram e mantiveram até hoje na vida de seus moradores, são eles: as pontes, os chafarizes e as igrejas (nelas se encontram os tipos de lavabos aqui estudados).

A constituição de associações laicas e das ordens terceiras influenciou as manifestações artísticas locais, especialmente por criar uma exigente clientela e estimular os artistas e mestres construtores (pedreiros, canteiros, carpinteiros e arquitetos) a experimentarem materiais e expressões artísticas próprias.<sup>23</sup>

Salles (1982) afirma:

Em Ouro Preto existem duas matrizes, Pilar e Antônio Dias, ambas pertencentes às irmandades do Santíssimo de cada um desses bairros, além das dezessete capelas filiais. Todas foram construídas pelas irmandades que iam surgindo no decorrer da eclosão dos grupos sociais... As duas matrizes da antiga Vila Rica estão íntima e profundamente ligadas ao crescimento da cidade. Tanto no ponto de vista político, como no social, artístico ou cultural, foram dois focos poderosos da vida, dos anseios e esperanças do povo, da sua alegria e das suas preces humildes, guardando, no seu aconchego, as lembranças e vaticínios das gerações do ouro.

### 3.2 Embrechados

O embrechado está ligado à decoração de revestimento arquitetônico, logo, um componente artístico associado à arquitetura. É composto de diversos materiais, como fragmentos de porcelana (item principal), porcelanas inteiras (faiança e pires), búzios, pedregulhos e conchas, gerando uma composição simples e rica em detalhes.

Originário da Europa, mais precisamente na Itália, o embrechado se apresentava em lapas de jardins públicos e também privados desde a primeira metade do século XVI. A técnica ampliou-se atingindo Portugal no século XVII com aspecto diferenciado. Até então o embrechado resumia-se a combinação de seixos e conchas e logo depois passou a ser utilizados materiais como canutilhos, faianças e fragmento de porcelanas. No Brasil, o embrechado foi inserido no final do século XVIII e início do século XIX, por influência portuguesa e utilizado em jardins (bancos, fontes, grutas e paredes), capelas e, em especial: frontões e torres de igreja.

Percebe-se que esta técnica foi aplicada especificamente em ambientes sacros, cumprindo, entretanto, uma função específica, cujo artifício possivelmente se deu pela suavidade dos materiais, quer seja pelo recurso dos tons pastéis e brilhosos das conchas,

---

<sup>23</sup> PEREIRA, Carlos Alberto; LICCARDO, Antonio; SILVA, Fabiano Gomes. *A arte da cantaria*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007, p.35

tons marrons e brancos dos seixos e tons azuis e brancos, até mesmo os coloridos suaves das porcelanas, causando, assim, efeito luminoso com a incidência da luz solar ou artificial.<sup>24</sup>

### 3.3 Rochas carbonáticas

A maioria das rochas carbonáticas tem procedência biológica ou, mais corretamente dizer biodetrítica, sendo formada em ambientes marinhos através do depósito de conchas e carcaça de outros organismos (corais, briozoários, etc.).

Essas conchas e esqueletos são preservados como fósseis mais e menos despedaçados, perfeitamente reconhecíveis nas rochas pouco ou não metamorfizada isto é: com não alteração na natureza após a sua consolidação.

#### 3.3.1 Lioz

Denominado de pedra calcária de várias colorações e designações o lioz português é usado em revestimentos, estruturas, calçadas e, como pedra de cantaria.<sup>25</sup> Sendo um tipo raro de calcário, o lioz é encontrado em Lisboa – Portugal e em suas adjacências como o noroeste e norte, mais precisamente em Sintra. Na antiga freguesia de Pêro Pinheiro no concelho de Sintra é encontrado o lioz branco, que faz parte de ornamentações, pavimentação e elementos arquitetônicos localizados no nordeste do Brasil.

Os fatores que tornam a aspecto característico do lioz são explicados por fatores como a composição química de ácido carbonatado, sua composição mineral de calcite e origem sedimentar marinha. São rochas formadas há cerca de 120 milhões de anos, durante o Período Cretáceo, por microcristais de calcita e fósseis de animais marinhos, na região de Lisboa e Sintra, que estava submersa.<sup>26</sup>

O lioz destacou-se por suas características físicas e mecânicas, permitindo sua utilização como elemento estrutural, mas com dureza suficiente para ser trabalhada; por seu aspecto estético, variando conforme o tipo de corte na pedra; e ainda por sua facilidade de obtenção.<sup>27</sup> Passou a ser chamado de: pedra real ou de cantaria de Pêro Pinheiro.

---

<sup>24</sup> VALLE, Arthur. DAZZI, Camila. PORTELLA, Camila - (organizadores). *Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal*. 2ª. Edição.– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II. p.531

<sup>25</sup> Pedras lavradas de maneira precisa, ajustadas perfeitamente umas sobre as outras, sem o auxílio de argamassa aglutinante.

<sup>26</sup> SILVA, Zenaide Carvalho. *O lioz português: de lastro de navio a arte na Bahia*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 24.

<sup>27</sup> SILVA. Zenaide Carvalho. Op. cit., p. 27

Houve um terremoto na baixa de Lisboa em 1775 e com o projeto para reconstrução, sob comando do Marquês de Pombal, o lioz foi largamente empregado e movimentava a mão de obra relacionada à técnica da cantaria, em que a retirada de blocos era feita de forma manual, e desempenhada por cabouqueiros<sup>28</sup>. Essa extração era feita com a ajuda de utensílios como guilhos ou peixotes, marras, marretas, pistolas, raiadeiras, e eram feitas ranhuras nas rochas, onde se inseriam cunhas de madeira, ferro ou aço, desde modo soltando os blocos.

O lioz foi amplamente utilizado em Portugal em monumentos e túmulos de ilustres, como Vasco da Gama e Luís de Camões, na pavimentação de igrejas, e como elemento decorativo em fachadas de casas em Lisboa.<sup>29</sup>

### 3.3.2 Mármore

O mármore é uma rocha metamórfica derivada do calcário e sujeito a composição de seus minérios pode oferecer várias cores como rosa, branca, esverdeada ou preta. Em meio a esses minérios pode está a mica, o feldspato, talco, anfibólio, piroxênios, olivina e outros.

Recebe o nome de rocha metamórfica porque se desenvolve a partir da alteração físico-química tolerada pelo calcário a elevadas temperaturas e pressão. Isto explica porque as maiores jazidas de mármore se localizam em regiões de atividade vulcânica e que possuem a rocha matriz calcária.

No que diz respeito às propriedades físicas do mármore, vale dizer que este é um material “macio”, que apresenta uma dureza, ou seja, resistência ao risco, sensivelmente baixa, se comparado, por exemplo, aos granitos. Além disso, é um material que apresenta veios mais evidentes e grande porosidade, por isso muito mais apto ao aparecimento de manchas e desgaste.

## 3.4 Rochas Ultramáficas

### 3.4.1 Pedra Sabão

A rocha ornamental esteatito ou pedra-sabão é encontrada em vários municípios como Ouro Preto, Catas Altas da Noruega, Ouro Branco, Mariana, Piranga, Itaverava, Diogo de Vasconcelos, sendo que cada cidade tem o seu produto característico dependendo da qualidade da pedra e da criatividade do artesão.

---

<sup>28</sup> Caboqueiros são os profissionais que fazem caboucos. Quem escava; trabalha nas minas.

<sup>29</sup> SILVA, Zenaide Carvalho. Op. cit., p. 28.

A rocha ornamental esteatito/pedra-sabão ocorre numa variedade de ambientes geológicos, e comercialmente está sempre associado a uma série de minerais. O que diferencia o esteatito da pedra sabão é a forma como é apresentada ao mercado. O esteatito é o nome técnico e a pedra-sabão é o nome comercial. Popularmente e internacionalmente é chamado pedra-sabão pela própria característica saponácea da rocha. O esteatito ou pedra sabão é produto de reações ativadas por altas temperaturas e pressões. Esta rocha na região de Ouro Preto é composta em grande parte de talco e sua aplicação vai de cosmético até lareira, dependendo da sua formação geológica e também do beneficiamento do mesmo.

Como características físicas, a pedra-sabão é praticamente impenetrável. Não é afetada por substâncias alcalinas ou ácidas. Uma das notáveis características da pedra-sabão é sua excelente capacidade de resistir a extremas temperaturas desde muito abaixo de zero até acima de cerca 1000°C. A pedra sabão resiste às exposições e mudanças de condições atmosféricas durante séculos. Sua resistência e sua dureza podem ser comparadas às do mármore, com a vantagem de ser também refratária, suportando temperaturas elevadas.

### 3.5 Estado de conservação

Sobre o estado de conservação dos chafarizes e lavabos, foi observado que em alguns casos, por estarem inseridos em lugares de visitação diária por turistas do Brasil e de vários países, tem suas estruturas tratadas com zelo e manutenção recorrente, para o apreço de seus visitantes.

Não se pode falar da mesma estima por essas estruturas em localidades menos abastadas e distantes dos grandes centros, onde as mesmas sofrem as mazelas causadas pelo abandono e esquecimento do poder público. Intervenções inadequadas foram observadas, tais operações foram feitas por moradores, porém com o intuito de cuidar e preservar parte do patrimônio que a eles geram o sentimento de pertencimento. Exemplo que pode ser dado é do lavabo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Distrito de Padre Viegas em Mariana, de grande valia para nosso estudo e grande importância durante o século XVIII, e agora esquecido em meio à grande publicidade voltada aos prédios e instituições religiosas centrais.

Em geral as estruturas estão bem preservadas, na maioria integras. Apresentam patologias causadas pelo tempo e também pelas características físicas dos próprios materiais utilizados nas peças, como manchas no mármore do lavabo do convento de

Santo Antônio – Cairu/BA. O chafariz do bairro Cabeças sofre o efeito de intempéries por estar localizado a céu aberto, o material principal, a cantaria já está bastante desgastada e seus traços já não são mais os mesmos.

Deste modo no pensamento de Cesare Brandi e da autora, a restauração de tais elementos recriaria a unidade do objeto perdida pelos resultados do tempo ou de restaurações anteriores. Para obter esses objetivos, a restauração precisaria concordar com princípios históricos (não apagar os traços da passagem do tempo e da intervenção humana) assim como os estéticos (remover acabamentos errados e adulterações inapropriadas). Na prática, as exigências estéticas frequentemente imperavam sobre as históricas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os lavabos e chafarizes analisados revelam a abundância dos modelos estruturais e o emprego de materiais e técnicas variadas, originados pela introdução de mecanismos provenientes dos avanços tecnológicos da época, sendo inseridos por Portugal e outros países europeus.

O conhecimento dos símbolos empregados neste estudado foi de vital importância para entender o que cada um significava no período. A procura por se conhecer as características históricas e o significado construtivo de tais estruturas se tornou a princípio exaustiva, porém necessária, quando se trata da busca por respostas do que cada elemento pode nos oferecer como material didático.

Foram percebidas diferenças entre as estruturas hídras lusitana, litorânea brasileira e da Minas Colonial. Enquanto as estruturas portuguesas eram acompanhadas por peixes e delfins individuais, as brasileiras vinham sempre em pares entrelaçados.

Em Portugal os motivos foram sempre muito bem trabalhados no mármore. Na região litorânea brasileira, havia escassez de mão de obra capacitada e as estruturas dos lavabos eram importadas, vindo como lastro nos navios dos colonizadores.

Na pesquisa foi possível entender a função de tais estruturas, técnicas empregadas e materiais utilizados na elaboração dos projetos. Minas Gerais de forma brilhante se estabeleceu como grande formadora de mestres canteiros, e aproveitando das dificuldades neste estado se estabeleceu oficinas únicas.

A falta de referências bibliográficas fez com que o trabalho ficasse de certa forma com perguntas sem resposta. Não é intuito parar por aqui. A pretensão é continuar com pesquisas ligadas a esse meio para a maior compreensão do que trata-se a morfologia de algumas estruturas em que não obteve resposta.



## 5 BIBLIOGRAFIA

### 5.1 Meios Impressos

ARGOLO, José Dirson. **O Convento Franciscano de Cairu**. Monumenta.

ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M. M.; MACHADO, R. G. **Barroco Mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação**. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro (1996).

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2v.

BRETAS, Rodrigo José Ferreira. **Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho**.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder (irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais)**. Editora Atica: São Paulo, 1986.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Introdução ao Barroco Mineiro. Cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais**. Editora Crisálida: Belo Horizonte, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. PRECIOSO, Daniel. REZENDE, Leandro Gonçalves de. NARDI, Carolina Proença. **Capela de São José dos Homens Pardos em Ouro Preto História, arte e restauração**. Editora C/Arte: Belo Horizonte, 2015.

DANGELO, André Guilherme Dornelles. **Francisco de Lima Cerqueira uma arquiteto e construtor minhoto nas Minas Gerais**. Revista Mínia, 2014, n. 13, p. 251-271.

DIDI-HUBERMAN, Georges – Fra Angelico. **Dissemblance et figuration**. Paris: Flammarion, 1995.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano**. Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)

FERREIRA, Jorge Rodrigues. **São Domingos de Benfica**. Roteiro, Lisboa, 1991.

FONSECA, Mônica Eustáquio (coord.). **Inventário do patrimônio cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte: Matriz da Boa Viagem de Belo Horizonte (MG)**. Inventário nº 2. Belo Horizonte. Arquidiocese de Belo Horizonte/PUC-MG. 2001

LEVY, Carminha. **A sabedoria dos animais: Viagens xamânicas e mitológicas**. Carminha Levy & Alvaro Machado; [Ilustrações de Ângela Leite]. -2.ed. – São Paulo: Editora Ground, 1999.

LOPES, Claudia e TOLEDO, Benedito de. *Arquitetura oficial no período colonial: um estudo sobre as pontes e chafarizes de ouro preto.*

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos.** São Paulo: Editora Cultrix, 1978, 1990. MARCONDES, Neide. *Labirintos e nós: imagem ibérica em terras da América.* Editora Unesp, São Paulo 1999.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia.** Tradução Mário Krauss e Vera Barkow. 2. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **História da arte no Brasil: textos de síntese.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

PEREIRA, Carlos Alberto; LICCARDO, Antonio; SILVA, Fabiano Gomes. **A arte da cantaria.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007.

RAMALHO, Oyama de Alencar; CHAVES, Miguel Pacheco e. **Francisco de Lima Cerqueira na Vila de São João del-Rei, Minas, Comarca do Rio das Mortes-1774-1808.** São João del-Rei, 548 p. 2009.

SALLES, Fritz Teixeira De. **Vila Rica do Pilar.** Editora Itatiaia. Belo Horizonte, 1982.

SILVA, Zenaide Carvalho. **O lioz português: de lastro de navio a arte na Bahia.** Editora: Versal editores; 1º edição. Bahia, 2008.

TEDESCHI, Denise Maria Ribeiro. **Águas urbanas: as formas de apropriação das águas em Mariana/MG (1745-1798).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2011.

TEIXEIRA, Jose de Monterroso. **Aleijadinho: O Teatro da Fé.** Editora: Metalivros; 1º edição, 2007.

TRINDADE, Cônego Raimundo Trindade. **Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana.** Rio de Janeiro: SPHAN/Ministério da Educação e Saúde, 1945.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **A arquitetura colonial mineira.** In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 1. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1957.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos.** Belo Horizonte: UFMG (1979).

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila rica: formação e desenvolvimento - residências.** Rio de Janeiro: Mec, instituto nacional do livro, 1956.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2007.

VILLALTA, Luiz Carlos. **A Igreja, a sociedade e o clero**. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de.

VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). **As Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Autêntica/Companhia do Tempo, 2007.

VILLELA, Clarisse Martins. **Critérios para seleção de rochas na restauração da cantaria**. Ouro Preto: Dissertação (Mestra do em Engenharia de Materiais). Escola de Minas-UFOP, 2003.

## 5.2 Meios eletrônicos

FONSECA, Claudia damasceno. H.P.I.P, **Patrimônio de influencia portuguesa**. Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal. Disponível em: <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=1420>. Acessado em: 07/07/2016.

VAINSENER, Semira Adler. **Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, Recife, PE**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acessado em: 05/07/2016.

Disponível em: <http://iadrn.blogspot.com.br/2014/01/ichthus-e-peixe.html>  
Acessado em: 27/06/2016.

Disponível em: <https://caminhandoeuvou.wordpress.com/2014/09/22/simbolos-do-caminho/>. Acessado em: 05/08/2016.

Disponível em: [http://www.azeitao.net/Fontes/fonte\\_pasmados.html](http://www.azeitao.net/Fontes/fonte_pasmados.html). Acessado em: 14/06/2016.

Disponível em: <http://www.igrejaboaviagem.org.br/site/historia.php>. Acessado em: 18/06/2016.

Disponível em: [https://www.geocaching.com/geocache/GC1W8V2\\_arquitectura-da-agua-na-cidade-de-torres-vedras?guid=676d6e2b-01d6-41db-b4ed-c9d2115e8878](https://www.geocaching.com/geocache/GC1W8V2_arquitectura-da-agua-na-cidade-de-torres-vedras?guid=676d6e2b-01d6-41db-b4ed-c9d2115e8878). Acessado em: 14/06/2016.

## **6 APÊNDICE - MORFOLOGIA E ICONOGRAFIA GERAL ENCONTRADA NOS LAVABOS E CHAFARIZES**

Neste apêndice serão apresentados alguns símbolos e elementos que acompanham as estruturas dos lavabos e também dos chafarizes. Propõe-se obter o significado de cada um deles e o e porquê de estarem inseridos ali.

Tais elementos poderiam estar introduzidos nestes lavabos através de ordem dada pelas irmandades e seguida pelos artistas contratados, mas poderiam também ser inseridos pelo desejo e gosto do artista. Ou talvez até pelo sintoma do regalismo, onde o Rei tinha o poder de interferir em assuntos internos da igreja católica. Poderíamos talvez enxergar isso através da coroa real que acompanha os estigmas de São Francisco no Lavabo da Igreja do Convento de Santo Antônio no Cairu – Bahia. Tal coroa deveria ser de espinhos retratando Jesus Cristo e não uma coroa do Império com significado de proteção da Coroa Portuguesa a Ordem Franciscana.

São apresentados alguns significados em torno dos objetos, mas buscando sempre enfatizar no que mais se encaixa dentro do contexto estudado.

### **6.1 Águia bicéfala**

Sobre o lavabo encontrado no interior da sacristia da igreja de Santa Rita no centro do Rio de Janeiro, é interessante notar a presença da águia bicéfala. Santa Rita pertencia à ordem agostiniana e entre o século XVII e XVIII na igreja, através das ordens religiosas (Jesuítas, Franciscanos, Agostinianos, Carmelitas etc.) e o bispado, foi adotado progressivamente esse emblema do império, a águia bicéfala, o atributo do Império Cristão, o Sacro- Império romano.

Entretanto, em campo religioso, essa águia imperial do tempo do barroco aparece despojada de adereços políticos (espada, cetro, globo), decorando altares, ostensórios, arcos-cruzeiros, fachadas de templos, portas, cúpulas, paredes, púlpitos, lavatórios sacros, esculturas e pinturas da Virgem e do Menino, vestes litúrgicas, etc; incluída, ao culto e aos pontos fundamentais da fé católica, em obras de arte, muitas vezes, a associação entre a águia bicéfala e a unidade e espírito, divino-humano, o princípio relativo ao eixo da fé católica, representada pela Virgem Maria e o Cristo é apontado abertamente.

No presente caso, convém abranger-se ao contexto religioso da época para poder considerar de maneira satisfatória tais indícios. Por exemplo: na águia bicéfala pintada

no lavabo barroco de Santa Rita talvez se enxergue o regalismo<sup>30</sup> que contaminava a Igreja portuguesa e que também se fazia sentir na Colônia durante o século XVIII, o qual recrudescer no período pombalino.

Uma pequena gravura encontrada em Portugal mostra nitidamente a representação da águia bicéfala com significado divino, celestial, associada ao Sol e à Lua, ao Cristo e à Virgem Mãe - que, desde o "empíreo", têm a seus pés o Imperador e o Papa, a Cristandade e a "Igreja de Pedro", e a decisão da vitória contra forças opostas a essa "Humanidade" cristã. A águia, no meio do céu, pousada na meia-lua; e, sobre suas duas cabeças, o Sol com o monograma AM (Ave Maria) - o Cristo e a Virgem, Sol e Lua.<sup>31</sup>

O fato de que a águia é representada com asas para cima ou para baixo é uma questão diretamente relacionada ao projeto do selo por um Conselho Supremo, em particular, consequência do desejo artístico de cada povo, escolhendo um gosto clássico copiando a natureza, enquanto outros dão prioridade ao aspecto marcial.

---

<sup>30</sup>Os efeitos do regalismo para religiosidade popular mostravam tanta liberdade com celebrações e manifestações de piedade que escapou facilmente a intenção litúrgica original, como no aspecto de um culto sem embasamento doutrinário, devido à inibição do trabalho catequético. Os fiéis foram agrupados em irmandades e prosseguiram com a hierarquia pontifícia de pacto com as etnias e matizes igualitárias, pretendendo um catolicismo secular e rebelado entre as classes superiores. Até mesmo o clero sofreu com o esvaziamento do significado de seu ofício sacerdotal e tornou a sentir as barreiras geográficas e econômicas do país. A fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas seria uma reflexão necessária em tal situação. (Cf. VIEIRA, 2007, p. 41-45.)

<sup>31</sup> Anais do Museu Paulista: *História e Cultura Material*. Anais do museu paulista. Vol.18 n° 2, São Paulo Jul/Dez de 2010. O império dos mil anos e a arte do "tempo barroco": a águia bicéfala como emblema da Cristandade. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142010000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142010000200002)> . Acesso em: 24/07/2016.



Figura 9 – Estampa que celebra possivelmente a expulsão dos turcos no cerco de Viena, pelas forças do exército imperial (Liga Sagrada), em 1683. A Virgem do Rosário toma a forma da águia bicéfala: “la aguija misteriosa del Apocalypsis, y tambien de lo Imperio Christiano”... O monograma da Virgem – AM (Ave Maria) – sobre a águia é eloquente. O dia 12 de setembro, data da Batalha de Kalherberg, que libertou Viena, é dedicado ao Nome de Maria, por decisão de Inocêncio XI. Coleção Particular. Fotografia de Jaelson Bitran Trindade.

**Foto 29:** Pequena figura representando a águia bicéfala

## 6.2 Brasão com as armas da ordem franciscana

Santo Antônio pertenceu a Ordem dos Franciscanos e tanto nos lavabos da igreja de Santo Antônio em Recife, como o lavabo da Igreja do convento de Santo Antônio em Cairu na Bahia é encontrado o brasão Franciscano.



**Foto 30:** Pormenor do lavabo da igreja de Santo Antonio em Recife.



**Foto 31:** Pormenor do lavabo da igreja do Convento de Santo Antonio, Cairu - Bahia.

O emblema da ordem utilizado no século XVIII retrata os braços de Cristo e de São Francisco cruzados e com as mãos estigmatizadas sobre um brasão com símbolos dos cinco estigmas de São Francisco e das sete estações da Via Sacra.

O hábito de São Francisco visto no Brasão da Ordem Franciscana, trata-se de sua imagem no cruzamento de braço com Jesus e é o hábito da Ordem que ele mesmo fundou: a Ordem dos Franciscanos. É um sinal de sua consagração a Deus e serve para diferenciar o sagrado do profano. É também um sinal de pobreza e humildade, porque deste modo evita o uso de fantasias mundanas. Caracteriza-se por unidade e lealdade a uma ordem religiosa. O hábito torna visível a presença de Deus e da Igreja na pessoa religiosa. É uma veste típica dos Franciscanos.

O Cordão visto no brasão de São Francisco é um cinto de corda e representa as promessas feitas a Deus. Os três nós presente no cordão simbolizam os votos de pobreza, castidade e obediência. O cinto também representa o distanciamento do mundo e entrega total a Deus.

Devido à devoção que possuía pela Paixão de Cristo, dois anos antes de sua morte, quando de um retiro no monte Alverne, Nosso Senhor lhe apareceu como um

serafim alado e lhe transmitiu os estigmas, isto é, as chagas nas mãos, nos pés e no lado do peito.<sup>32</sup>

### 6.3 Concha

Vem do francês *rocaille*. Na mitologia como a água, também a concha pertence ao círculo simbólico feminino, reforçado pela semelhança morfológica com a vulva. A identificação com a genitália feminina era e é muito difundida (na Antiguidade, no Japão antigo e em tradições da Europa Central).

Assim como a Pérola se origina na concha, no mito grego Afrodite nasceu numa concha; na Síria a deusa tinha o espírito de "Senhora Pérola". Na China, a concha Kauri era atribuída ao Yin e continha o significado especial do oculto, aquilo que reside na escuridão. No México antigo o caramujo, aparentado da concha, simbolizava concepção, gravidez e movimento (segundo Eliade). Nos primórdios do cristianismo a concha aparece como símbolo do túmulo, do qual o ser humano ressuscitará; entre os Santos Padres, como Símbolo de Maria. Na alegoria barroca, uma concha com pérola é símbolo do recebimento de misericórdia divina.<sup>33</sup>

A concha como símbolo cristão tem um significado que relembra a passagem de Santo Agostinho, que encontra um jovem na praia, com uma concha, que procurava toda a água do mar em um buraco na areia. Santo Agostinho o perguntou o que ele estava fazendo; e como resposta o jovem lhe explicou sua tentativa falha, e assim, Agostinho entendeu a referência ao seu esforço em vão de fazer entrar a grandiosidade de Deus na mente humana limitada.

Está aí expresso um convite ao conhecimento de Deus, mesmo se na humildade da incapacidade humana; como segundo significado, a concha é o mais antigo símbolo conhecido de representação do peregrino, e é mencionada pela primeira vez com esse significado no sermão *Veneranda Dies*, que compõe o livro I do *Liber Sancti Jacobi*, parte integrante do Código Calixtino, datado de meados do século XII. Nesse sermão, a concha é apresentada como símbolo das “boas obras”, sendo levada pelos peregrinos cosida às suas roupas para honrar a São Tiago. Extraí-se do “*Veneranda Dies*” o seguinte excerto: “As duas partes ou valvas são o símbolo da caridade, do amor de Deus e do amor ao próximo. A concha se assemelha a uma mão que se abre para realizar boas

---

<sup>32</sup> MEGALE, Nilza Botelho. *O Livro de Ouro Dos Santos*. Vidas e Milagres dos Santos Mais venerados no Brasil. 2003, p. 106.

<sup>33</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <https://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/concha>



obras, porque o peregrino deve ser dadivoso, casto, sóbrio e deve extirpar tudo o que seja origem de pecado”.<sup>34</sup>

Também não pode se excluída uma alusão ao Batismo, pois aquele que é batizado renasce para uma vida nova: vida do Espírito, tornando-se uma criatura nova, ou seja, dá-se uma nova Criação. É precisamente isto que acontece com a Encarnação: uma recapitulação da Criação original. São Tomás de Aquino refere que Cristo toma a mesma carne de Adão para purificar a natureza humana<sup>35</sup>, estando, pois subjacente o conceito de renovação e purificação associado à água e por inerência, também à concha. Nesse sentido, a Anunciação comemora a “criação do primeiro homem que teve lugar, também, no dia 25 de Março.”<sup>36</sup>

Existem muitas lendas sobre o significado da concha na linguagem do peregrino, mas além dessas lendas, a concha tem um significado curioso, seus sulcos, se encontram todos no mesmo ponto, o que pode ser usado como um símbolo para os vários caminhos que levam ao mesmo lugar, no caso em Santiago de Compostela.

#### 6.4 Delfins

No livro “*A sabedoria dos animais viagens xamânicas e mitologias*”, Carminha Levy e Alvaro Machado dizem:

Na antiguidade, os navegadores do mediterrâneo e do Mar Negro já acreditavam que o alegre animal que eles viam seguidamente saltando ao redor de seus navios era um sinal de bom agouro, um companheiro de rota simpático, o “amigo do marinheiro”. A poesia logo adotou a idéia descrevendo o golfinho ou Delfin como “amigo dos homens” e lhe dando qualidades magníficas de inteligência, engenhosidade, rapidez, velocidade, fidelidade, visão divinatória etc.

A maioria dos povos antigos considerava um crime contra as leis da amizade, reter os delfins que o acaso fazia cair nas redes de pesca. O animal era largamente venerado, tendo sobrevivido ate nossa época inúmeras imagens gravadas em moedas, grande quantidade de estatuária etc.<sup>37</sup>

No cristianismo, os delfins tornaram-se hieróglifos que identifica o Cristo amigo (assim como o mamífero era tido como amigo do marinheiro), bem como o Cristo guia

---

<sup>34</sup> Museu de Arte Sacra. *Bens Móveis e Integrados. Acervo: Museu de Arte Sacra – Sob. Conv. de 24 de junho de 2009 da Sec. Estado de Cultura MT com Proprietário: Mitra Arquidiocesana de Cuiabá.* Cuiabá, 2012, p.3.

<sup>35</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, Santo – Suma de Teologia III, questão 31, artigo 1

<sup>36</sup> Cf. DIDI-HUBERMAN, Georges – *Fra Angelico. Dissemblance et figuration.* Paris: Flammarion, 1995, p. 116.

<sup>37</sup> LEVY, Carminha e MACHADO, Alvaro. *A sabedoria dos animais: viagens xamânicas e mitologias.* - 2.ed2 – São Paulo: Ground, 1999, p 150.

e o Condutor de almas psicopompo<sup>38</sup>. Manteve-se o simbolismo antes explorado por poetas e artistas do início da civilização grega. Deste modo gregos e romanos, relacionaram o jeito de nadar a vontade e desembaraçado do animal a transmigração das almas. Assim, nos primórdios do cristianismo a figura do golfinho foi registrada em túmulos com frequência. No simbolismo da água em geral, o golfinho se tornou símbolo da transformação e melhora para outras culturas.

Considerado um animal ágil, inteligente e amigo do homem, o Delfin foi, para muitos povos ligados ao mar, motivo de interpretações místicas. A cultura creto-micênica, e também os gregos e os romanos, consideravam-no semelhante aos deuses. Na Grécia, foi dedicado principalmente ao deus Apolo, mas também a Dionísio (protetor de marinheiros), Afrodite (nascida no mar) e Poseidon (deus do mar). Considerado, além disso, um guia que leva as almas em suas costas para o Reino dos Mortos. Sob esse aspecto, o delfim foi adotado pela iconografia cristã, em seus primórdios, como um símbolo relacionado a Cristo, o Salvador.

#### 6.5 Folha de acanto

A folha de acanto usada frequentemente em ornamentações de monumentos sacros, também adornavam capitéis, túmulos e até mesmo roupas. Passou, com o tempo, a ser associada à pureza e à imortalidade da alma, devido à perfeição da folha. Mas seu simbolismo não é resultado de sua formosa folhagem, mas sim dos espinhos da planta. Deste modo o acanto representa o sucesso, a conquista daqueles que souberam superar os espinhos, a vitória sobre as dificuldades da vida e da morte. Representa também a terra virgem ou própria virgindade.

#### 6.6 Peixe

Derivado do Ichthys ou Ichtus (do grego antigo ἰχθύς, em maiúsculas ΙΧΘΥΣ ou ΙΧΘΥC, significando "peixe") trata-se de um acrônimo, usado pelos primeiros cristãos, da expressão "Iesus Christos Theou Yios Soter", que diz: "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador" (em grego antigo, Ἰησοῦς Χριστός, Θεοῦ Υἱός, Σωτήρ). Foi um dos primeiros

---

<sup>38</sup> Psicopompo é a palavra que tem origem no grego psychopompós, junção de psyché (alma) e pompós (guia), indica um ser cuja função é: orientar ou dirigir a astúcia de um ser humano entre dois ou mais episódios significantes. Como orientador interior, o psicopompo pode ser de classe humana, animal ou espiritual.

símbolos cristãos, junto com o crucifixo e permanece sendo utilizado especialmente pelas denominações evangélicas.<sup>39</sup>



**Foto 32:** Acrônimo de Peixes: **Disponível em:**

<<http://pastoradaocarvalho.blogspot.com.br/2009/06/peixe-simbolo-do-cristianismo.html>>. **Acesso:**  
06/07/2016.

O ICHTYS também foi usado para marcar catacumbas cristãs no momento de enalço aos cristãos, muitos deles morreram em campos romanos, em lutas contra leões. Por ser o acróstico mais popular, este também foi o mais arriscado de toda a história do Cristianismo. O cristianismo só foi completamente permitido no início do século IV. Assim que um cidadão romano fosse associado a este símbolo que era um sinal sigiloso de sua união ao cristianismo, bastava para que ele fosse vítima do fanatismo religioso do estado romano a tal doutrina cristã. Tal símbolo não era considerado especificamente cristão (como uma cruz, por exemplo). Outra utilidade foi o uso para comunicação: um cristão desenhava uma meia lua para baixo em algum lugar, se o outro também fosse cristão, marcava a meia-lua para cima, deste modo se formava o símbolo.



**Foto 33:** Imagem do peixe ainda preservada nas catacumbas romanas. **Disponível em:**

<<http://pastoradaocarvalho.blogspot.com.br/2009/06/peixe-simbolo-do-cristianismo.html>>. **Acesso:**  
06/07/2016.

<sup>39</sup> Disponível em:< <http://iadrn.blogspot.com.br/2014/01/ichthus-e-peixe.html>> Acessado: 27/06/2016.

Foi mantimento fundamental entre os judeus, o ofício de pescador era comum. Embora tenha sido duas vezes elemento de milagre, como o pão, se tornou um marco de Cristo, assim também o peixe pode ser lembrado como a providência de Deus. Jesus empregou a figura do pescador e da pesca a fim de ilustrar o discipulado e o tamanho do Reino de Deus. Os ministros de Deus são chamados pescadores, por isso procuram conquistar os homens para Cristo e para o reino.<sup>40</sup>

Ἰησοῦς — Jesus  
Χριστός — Christ,  
θεοῦ — of God,  
ἑνός — Son,  
Σωτήρ — Saviour.

**Foto 34:** O acróstico, em grego. **Disponível em:**

<<http://pastoradaocarvalho.blogspot.com.br/2009/06/peixe-simbolo-do-cristianismo.html>>. **Acesso:**  
06/07/2016.



**Foto 35:** Figuras do peixe no chão em mosaico na igreja da multiplicação dos pães em Tabgha – Israel. **Disponível em:** < [http://pt.123rf.com/photo\\_25623700\\_mosaico-antigo-dentro-da-igreja-da-multiplica%C3%A7%C3%A3o-dos-p%C3%A3es-e-peixes,-tabgha,-israel.html](http://pt.123rf.com/photo_25623700_mosaico-antigo-dentro-da-igreja-da-multiplica%C3%A7%C3%A3o-dos-p%C3%A3es-e-peixes,-tabgha,-israel.html) >. **Acesso:** 06/07/2016.

---

<sup>40</sup> (Mt 4:19; Mc 1:17; Lc 5:10).